
A questão central: Como foi possível a subversão revisionista?

Kurt Gossweiler

Enquanto marxistas sabemos-lo: não são «os homens [que] fazem a História».¹ Também não são os Khruchov e os Gorbatchov. Mas se provarmos que Khruchov e Gorbatchov trabalharam conscientemente para a destruição do socialismo e atingiram o seu objectivo, está dado um primeiro passo para respondermos a esta questão.²

Agora coloca-se uma pergunta muito mais difícil, a verdadeira questão central: como puderam agentes do imperialismo levar o Partido e o povo educados por Lénine e Stáline a aceitarem uma política revisionista, restauradora do capitalismo? Uma resposta satisfatória pressupõe análises exaustivas e pesquisas. Colocam-se muitas questões em pormenor.

A suposição mais próxima para os marxistas é que a política revisionista de Khruchov e Gorbatchov foi a expressão de interesses de determinados estratos da sociedade soviética, dos quais se tornaram representantes. De acordo com esta interpretação, o revisionismo moderno brotou do movimento comunista e da sociedade socialista exactamente como o velho revisionismo dos partidos sociais-democratas, de baixo, enquanto expressão dos interesses de determinados estratos. Não posso concordar com tal interpretação.

É certo que na sociedade soviética e nos países socialistas, especialmente no estrato dos intelectuais - e aqui especialmente entre diplomatas, quadros do comércio externo, artistas e jornalistas - havia pessoas que estavam fascinadas com a riqueza e a «liberdade» do Ocidente e desejavam também poder usufruí-las na União Soviética. Mas não foram elas que transformaram tais saudades num sistema do revisionismo moderno. Este sistema, no seu estado rudimentar original, foi desenvolvido em 1942 pelo entretanto renegado ex-secretário-geral do PC dos EUA, Browder, e, com ajuda do colaborador de Allan Dulles, Noel Field, através de emigrantes comunistas na Suíça, foi introduzido nos diferentes partidos comunistas, caindo depois no terreno especialmente fértil do PC da Jugoslávia através do seu

¹ Trata-se de uma citação da conhecida frase de Marx: «os homens fazem a sua própria História, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas», in *18 de Brumário de Louis Bonaparte*, Marx Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, tomo I, Edições «Avante!», Lisboa, 1982, pág. 417. (N Ed.).

² É sabido que Marx atribui às massas e à luta de classes, e não à personalidade, o papel determinante na história: «*Demonstro como a luta de classes na França criou circunstâncias e condições que possibilitaram a um personagem medíocre e grotesco desempenhar um papel de herói*» (Op. cit., «Prefácio à edição alemã de 1869», ed. cit., pág. 414). Sem refutar esta tese marxista, Kurt Gossweiler sustenta que o papel do dirigente, da personalidade, adquire maior relevância no socialismo do que no capitalismo e a sua acção (traição) pode tornar-se decisiva para alterar o rumo da história (ver, por exemplo, a entrevista «Eles conhecem a importância dos revolucionários melhor que nós», em www.hist-socialismo.net (N. Ed.).

líder Tito. Daí foi importado para a União Soviética por Khruchov, o irmão espiritual de Tito, ou seja, por cima, e misturado na teoria marxista-leninista dominante. Não é, portanto, nenhuma planta originária do solo da sociedade soviética.

Mas por que tiveram Khruchov e Gorbachov um êxito tão catastrófico com a sua política? Quero aqui enumerar algumas condições que me parecem ter sido decisivas:

1. Eles não revelaram os verdadeiros objectivos, antes se apresentaram com insistência como fiéis alunos, continuadores e aperfeiçoadores da obra de Lénine. Que tenham tido de o fazer, prova que a esmagadora maioria do povo queria manter a União Soviética. Para disfarçar o seu revisionismo e tornar credível a sua política enquanto continuação do leninismo, Khruchov declarou o leninista Stáline traidor do leninismo, conseguindo com isso simultaneamente a possibilidade de difamar os seus adversários leninistas Mólotov, Malenkov, Kaganóvitch e outros enquanto «stalinistas» e «inimigos do Partido», e deste modo neutralizar os adversários.

2. Nos círculos intelectuais, sobretudo mas não só neles, a crítica de Khruchov ao chamado culto da personalidade foi considerada justa e oportuna porque com ela foram discutidos abertamente traços negativos realmente existentes: o realçar exagerado do papel e méritos de Stáline. O grande prestígio de Stáline junto do povo e a confiança ilimitada de que gozava em todas as regiões do imenso país não foram «ordenados», mas frutificaram das posições leninistas que sempre defendeu com argumentos convincentes nas violentas disputas com as diferentes oposições e de ter apontado os caminhos que conduziram ao êxito nos tempos difíceis. Isto e a necessidade de salvaguardar a coesão da sociedade soviética e a unidade do povo e da direcção, num país permanentemente ameaçado, primeiro pela Alemanha fascista e depois pelos EUA com armas atómicas, prepararam o terreno para que a justificada admiração por Stáline assumisse traços de veneração de uma personalidade infalível, a quem todos os êxitos eram atribuídos como êxitos pessoais e cujas palavras só porque vinham dele eram tidas como correctas e indiscutíveis. Acabar com isso e restabelecer uma atmosfera normal no tratamento com a direcção no interior do Partido e em toda a sociedade teria sido, de facto, necessário.

Mas este não era o objectivo de Khruchov na sua crítica e condenação do «culto de Stáline». Optou antes por utilizar o comportamento insinuante de aceitar tudo da Direcção como uma revelação da verdade para assim assumir o lugar de Stáline como aquele do qual emana a verdade inquestionável; e de forma nenhuma aboliu o culto de Stáline, manteve-o mas inverteu-o, substituindo o sinal de + pelo sinal de -. Se até aí se dizia, *devemos a Stáline todos os nossos êxitos e vitórias*, passou a dizer-se, *todos os êxitos e vitórias foram alcançados apesar de Stáline*. Este culto de Stáline invertido era, na verdade, mortal para a União Soviética.

3. Depois dos indescritíveis anos difíceis da guerra e da privação, Khruchov e o seu séquito na direcção associaram-se habilidosamente às esperanças e justas expectativas das pessoas na União Soviética de colherem os frutos do esforço, dos sacrifícios e da vitória: paz duradoura, o fim das privações, o alcance do nível de vida de antes da guerra e a sua rápida elevação.

Khruchov prometeu assegurar duradouramente a paz operando uma mudança profunda na política externa, com a passagem da política de confrontação de Stáline para uma política de desanuviamento, principalmente com os EUA. Com esta justificação substituiu a prática até aí seguida de definição do curso da política externa pelo colectivo da direcção do Partido e seu aperfeiçoamento concreto pelo ministro responsável e seus colaboradores, pela instituição permanente por ele criada da «diplomacia de cimeiras», ou seja, pelos encontros de Khruchov e dos seus mais íntimos colaboradores com os chefes de Estado imperialistas,

principalmente com o Presidente dos EUA e seus conselheiros. Deste modo, a política externa da União Soviética transformou-se num assunto de diplomacia secreta, passando cada vez mais a ser decidida não pelo Partido mas sim por um único homem e os seus comparsas; da mesma forma, o papel da direcção do Partido foi sendo reduzido a sancionar posteriormente os passos da política externa e as medidas negociadas nas conversações de Khruchov com os presidentes imperialistas. Desta forma, a política de Stáline de luta contra o Imperialismo foi substituída por uma política de cumplicidade secreta e pela propaganda da confiança no Imperialismo junto do povo soviético. Na aparência, no entanto, Khruchov comportava-se perante o povo como um lutador decidido contra o Imperialismo, às vezes, com acessos de fúria encenados – como na cena confrangedora na ONU, e apenas desprestigiante para a União Soviética, quando tirou o sapato e bateu com ele furiosamente na mesa. O seu genro Adjubei, que ele tinha colocado como chefe de redacção do *Izvéstia*, o órgão do governo, louvou na altura esta cena desonrosa como uma «acção revolucionária» de Khruchov.

Khruchov e os seus prometeram ainda não só alcançar como ultrapassar em pouco tempo o nível dos Estados capitalistas desenvolvidos no abastecimento de bens de consumo ao povo: a actual geração irá viver no comunismo! A escassez de cereais pertencerá ao passado, a questão dos cereais será resolvida num curto espaço de tempo, de uma vez por todas! Para o cumprimento destas promessas, as medidas que propuseram e implementaram serviam aparentemente o alcance dos citados objectivos, mas na realidade iriam enterrar as bases económicas e políticas da ordem socialista, já que contrariavam grosseiramente as leis económicas; simultaneamente essas medidas eram sempre relacionadas com explicações que consideravam errónea e desnecessariamente dura a política interna seguida com êxito sob a direcção de Stáline. E finalmente muitas destas medidas tinham também como objectivo amolecer a consciência socialista das pessoas, despertar a saudade de uma existência pequeno-burguesa calma e sem luta. Quero demonstrá-lo só com dois exemplos, a «nova política económica» e a iniciativa «conquista das terras virgens».

A ascensão da União Soviética a segunda maior potência industrial depois dos EUA só foi possível porque a lei económica decisiva para assegurar a reprodução alargada – o crescimento mais rápido do Sector I, ou seja, a produção de meios de produção, em relação ao Sector II, a produção de bens de consumo – foi mantida intransigentemente. Com a justificação de assegurar um rápido aumento do abastecimento de bens de consumo à população, Khruchov quase inverteu as proporções entre o Sector I e o Sector II e enfraqueceu assim a capacidade de acumulação da economia, lançando as bases não para um melhor, mas pelo contrário para um sempre pior abastecimento da economia com meios de produção e da população com bens de consumo.

No que diz respeito à agricultura, com a justificação de acabar de vez com a escassez de cereais, Khruchov impôs a decisão do desbravamento de terras virgens no Cazaquistão, contrariando a resistência de agrónomos e membros da Comissão Política como Mólotov. Os especialistas e Mólotov opuseram-se a este plano porque ele sorveria meios imensos e não resolveria de forma nenhuma a escassez de cereais, já que as condições climatéricas do Cazaquistão provocariam más colheitas e porque com muito menos despesa se podia atingir um aumento seguro das colheitas, até ao dobro, se se melhorassem os métodos de cultivo das terras já exploradas, colocando-os ao nível da agricultura da Europa central e ocidental. Naturalmente, tinham razão, e o resultado da «conquista das terras virgens» de Khruchov foi que a União Soviética se tornou dependente das importações de cereais da América e Canadá numa escala até aí desconhecida. Mas no imediato, o grupo de Khruchov conseguiu ganhar fama de realizar com audácia o compromisso revolucionário de melhorar a vida dos cidadãos soviéticos. As consequências negativas só anos mais tarde se revelaram na totalidade mas, juntamente com outras consequências da política de diversão de Khruchov, provocaram na

altura um crescente descontentamento da população, que se tornou uma das razões para a sua – demasiado tardia! – destituição em Outubro de 1964.

4.º No XX Congresso, Khruchov embrulhou tão habilmente a sua mudança de curso rumo ao revisionismo num pacote de explicações habituais e conhecidas da situação interna e externa e das tarefas daí resultantes, que a maioria dos delegados e dos membros do CC não devia estar consciente de que se estava a operar uma ruptura com o leninismo – e mesmo nos dias de hoje, muitos dirigentes e funcionários de partidos comunistas, designadamente na Alemanha e Áustria, ainda não o admitem!

5.º Mas este método do secretismo, da infiltração revisionista imperceptível, do contrabando contra-revolucionário não era suficiente. A verdadeira teoria de Lénine e a sua realização na prática da construção do socialismo na União Soviética por Lénine e Stáline eram e continuariam no futuro a ser uma bitola pela qual se podia e devia aferir cada político socialista. Esta bitola não podia pois manter-se válida se Khruchov e o seu grupo quisessem impedir que os medissem por ela.

No que diz respeito à teoria de Lénine, era necessário continuar a reconhecer formalmente esta bitola, sim, tinha-se sempre de a evocar, mas o seu conteúdo concreto precisava de ser empurrado o mais longe possível para segundo plano e votá-lo ao esquecimento. Mas como nos anos a seguir à morte de Lénine, a bitola do leninismo encontrou na política de Stáline a sua expressão viva, e em qualquer altura se podia ler a sua sedimentação no *Breve Curso de História do PCUS*, era preciso retirar à política stalinista o seu carácter de critério e de exemplo e transformá-la no seu contrário. Stáline tinha de ser tornado numa não pessoa e o *Breve Curso* colocado no *index* como «obra de fancaria stalinista».

O denegrimto de Stáline e da sua obra foi uma condição prévia indispensável para conseguir o desmantelamento do socialismo na União Soviética. A resistência de baixo contra uma política que se desviava do que até aí era tido como fundamental só podia ser paralisada ou evitada na medida em que este denegrimto fosse considerado justo e aceite pelo povo.

6.º A autoridade de Stáline era, porém, tão grande – especialmente depois da tão dificilmente conquistada e por isso ainda mais triunfal vitória sobre a besta fascista – que foram necessários os meios mais extremos para a abalar ou até destruir completamente. Mas que outro meio para a destruição da reputação de uma pessoa podia ser mais forte do que culpá-la do assassinato em massa de inocentes pelos mais baixos motivos da pura manutenção do poder pessoal? Nenhum, e por isso foi utilizado por Khruchov para destruir a autoridade de Stáline. Num acto de surpresa obrigou o XX Congresso, já depois do seu fim oficial e contra as decisões colectivas tomadas pela direcção do Partido, a uma sessão especial em que leu o «Relatório sobre o Culto da Personalidade de Stáline», que não estava previsto na Ordem de Trabalhos e que rapidamente foi publicado pelos *media* ocidentais como grande sensação, apesar de nunca ter sido reconhecido pelo PCUS como documento oficial do Partido até aos tempos de Gorbatchov.

O relatório de Khruchov não foi um crime contra o Partido e o Poder Soviético por falar de factos, até aí muito pouco ou só parcialmente conhecidos, sobre vítimas inocentes das «depurações» dos anos 1936-39, mas porque em muitas passagens o chamado «relatório secreto» produziu uma monstruosa falsificação da história da União Soviética; também – mas de nenhuma forma apenas – porque atribuiu unicamente a Stáline, aos seus actos pessoais despóticos, os processos e as «depurações» que tinham sido decididos e apoiados pelo conjunto da direcção do Partido.

Se o objectivo de Khruchov não fosse destruir definitivamente a autoridade de Stáline para não ser constantemente comparado a ele e para ter o caminho livre para a sua mudança de curso contra-revolucionária; e se não tivesse também pertencido aos seus objectivos desferir

um golpe mortal na convicção dos cidadãos soviéticos na justiça da sua causa e no orgulho do seu poder soviético; se ele tivesse realmente só a intenção de fazer justiça às vítimas inocentes da «depuração» e apresentar a verdade histórica sobre o tempo das repressões, então no seu relatório teria de ter dito o seguinte:

Em 1936, depois da implantação da ditadura fascista na Alemanha, depois do rearmamento da Alemanha fascista com a tolerância e até ajuda das potências ocidentais, depois da traição das potências ocidentais à República Espanhola, encontrávamo-nos perante o perigo de sermos assaltados pela Alemanha fascista – possivelmente até com o acordo das potências ocidentais – e de nos confrontarmos com o meio militar mais poderoso de toda a história da guerra, o qual já conhecíamos da Guerra de Espanha e vimos mais tarde de novo na Noruega e França, ou seja, com uma «quinta coluna» de traidores e colaboradores que ajudavam o exército fascista na retaguarda dos países assaltados.

O Acordo de Munique das potências ocidentais com Hitler, entregando-lhe a Checoslováquia, e a sua recusa em fazer um acordo connosco sobre segurança colectiva e ajuda mútua para sujeitar a Alemanha de Hitler demonstraram claramente como esse perigo de assalto era grande.

A nossa preparação para o assalto fascista tinha por isso de incluir também medidas que impedissem a formação de uma 5ª Coluna no nosso interior. Ainda havia e há entre nós inimigos da União Soviética, kulaques por nós expropriados e seus descendentes, restos dos grupos vencidos de trotskistas e outros grupos oposicionistas – Trótski tinha apelado repetidamente nas suas publicações ao início da revolta contra o «stalinismo» em caso de guerra; além disso, havia pessoas que simpatizavam com os alemães, por exemplo, os alemães do Volga ou determinadas nacionalidades como os tártaros da Crimeia ou os tchechenos.

Ou seja, perante a ameaça mortal, tínhamos de fazer tudo para tornar impossível que possíveis inimigos do Poder Soviético apoiassem no interior o assalto fascista com quintas colunas. Tínhamos de contar e de aceitar como inevitável que, em depurações de tão grande dimensão, como as que considerávamos necessárias, não era de excluir que também inocentes – seja por causa de falsas acusações intencionais de elementos inimigos, seja por excesso de zelo dos órgãos locais, seja ainda pela utilização de uma quadrícula demasiado global – seriam atingidos em número considerável pelas medidas, como veio a acontecer.

Mas nessa época tivemos de avaliar o que era mais importante: o Poder Soviético poderia sucumbir por falta de medidas de segurança ainda que essas medidas pudessem atingir não só verdadeiros inimigos mas até gente nossa. O Partido decidiu colocar o seu dever de proteger o Poder Soviético acima de todas as outras obrigações.

Agora, porém, é chegado o tempo de esclarecer e reparar as injustiças cometidas.

Isto ou algo de parecido teria sido uma posição comunista honesta sobre o lado mais doloroso para qualquer comunista da história da União Soviética.

Um apontar de culpa comunista, isto é, com verdade, teria além disso de mencionar claramente que o sofrimento e morte não só destas vítimas mas também dos 25 milhões de soldados e cidadãos soviéticos e dos 50 milhões de mortos da II Guerra Mundial era da responsabilidade dos que colocaram a direcção soviética perante uma decisão tão cruel – em primeiro lugar de Hitler e do imperialismo alemão e em segundo dos que rearmaram a Alemanha de Hitler para a dirigir como cunha de choque contra a União Soviética ao mesmo tempo que sabotaram a sua sujeição através de uma aliança de segurança colectiva.

Como, em vez disto, o chefe do PCUS considerou Stáline um assassino de massas, passou a assumir as mentiras da propaganda anti-soviética, até aí só divulgadas pelos media ocidentais, cozinhadas pelos especialistas imperialistas de guerra psicológica.

Encontra-se aqui a razão original de, ainda hoje, comunistas honestos e convictos reproduzirem irreflectidamente a calúnia venenosa de que Stáline matou mais comunistas do que Hitler.

A verdade é que todos os comunistas, todos os lutadores contra o fascismo e todos os judeus que sobreviveram à ocupação da Europa pelo fascismo, o devem em primeiro lugar à União Soviética, ao Exército Vermelho e assim também a Stáline.

Conheceis infelizmente bem de mais os efeitos devastadores de longo prazo que a difamação de Stáline por Khruchov teve no próprio Partido, e como isso continua no presente a dividir profundamente o movimento comunista, colocando comunistas contra «stalinistas» em posições de combate cheias de ódio. Também tenho neste campo experiências muito tristes e estou certo que depois do meu novo livro ainda viverei muito mais coisas tristes.

O mais triste em tudo isto para mim é que, apesar da situação actual nos países da ex-União Soviética e dos ex-países socialistas da Europa, cujas populações foram lançadas numa profunda pobreza, regredindo para tempos remotos e tenebrosos do ponto de vista cultural, apesar da catástrofe na questão da guerra e paz para a humanidade provocada pela queda da superpotência socialista – todos estes motivos não são suficientes para levar os anti-stalinistas nas direcções dos partidos comunistas a questionar a sua posição e reconsiderá-la.

Precisariam somente de imaginar que estavam na União Soviética nessa época confrontados com a questão decisiva: *sabendo que a queda da União Soviética não só entregaria o nosso país e a nossa população, mas também toda a Europa ao fascismo, e tornaria em vão todos os sacrifícios feitos pelo socialismo, devemos abdicar de providenciar com todos os meios, incluindo os mais rigorosos, para impedir qualquer apoio ao inimigo no interior, devido a considerações humanitárias e também de forma a não colocar em perigo inocentes com as nossas medidas de segurança?*

Se responderem «sim» a esta pergunta, então também dizem sim à queda da União Soviética e a tudo o que daí resulta. Mas como poderão depois continuar a ver-se como humanistas? Se a resposta for a única que um comunista pode dar: «não», pois a defesa da obra da Revolução de Outubro e de Lénine, a obra de 20 anos de construção socialista tem prioridade sobre tudo o resto – então não poderão mais com boa consciência condenar Stáline e a direcção soviética por essa decisão. Mas talvez lhes falte imaginação comunista para poderem compreender que essa decisão foi tomada exactamente por esta razão.

7.º Volto à minha tese de que o revisionismo moderno não brotou do solo da sociedade soviética, mas foi importado, por cima, para a sociedade soviética e introduzido de forma golpista no PCUS no XX Congresso.

Que isto foi realmente assim e que houve resistência, quer no Partido quer em toda a sociedade, contra este anti-leninismo imposto – ainda que não suficiente e principalmente não perceptível do exterior – foi visível por um momento quando em Junho de 1957 a maioria da direcção do Partido tomou a decisão de depor Khruchov (ver o meu livro *A Crónica dos Pés de Lã ou a Khruchoviada 1953-1964*, Vol. I, p. 305). Prova-o também o facto de o XX Congresso não ter sido ainda suficiente para destruir completamente a autoridade e reputação de Stáline no movimento comunista e na União Soviética e para substituir a imagem existente de Stáline pela imagem deformada fornecida por Khruchov.

A contra-revolução de Outubro-Novembro de 1956, na Hungria, identificou Tito como o iniciador do revisionismo, e Khruchov, o amigo de Tito, ficou em sérios apuros. Para se manter no poder teve de aplicar todas as suas artes demagógicas e representar o papel de defensor de Stáline contra ataques revisionistas. Fê-lo enquanto orador nas comemorações de Outubro do ano de 1957. Neste discurso, em 6 de Novembro, disse – não ireis acreditar – o seguinte:

O Partido *«combateu e continuará a combater todos os que difamam Stáline e sob a bandeira da crítica ao culto da personalidade apresentam de forma falsa e deformada todo*

o período histórico da acção do nosso Partido em que Stáline esteve na direcção do CC. Enquanto marxista e leninista e firme revolucionário, Stáline ocupa um lugar honroso na História. O nosso Partido e o povo soviético recordarão Stáline e prestar-lhe-ão as honras devidas.»

Difícilmente acreditarão que estas palavras foram ditas pelo mesmo Khruchov que proferiu o discurso secreto no XX Congresso, por via do qual, Stáline é ainda hoje para a maioria dos comunistas na Europa o destruidor do socialismo e o culpado da sua queda.

Mas um *top-agent* do imperialismo também tem de ter a capacidade de representar um papel hoje e amanhã representar convincentemente o papel exactamente contrário. Khruchov conseguia-o como nenhum outro, por isso era tão precioso para os seus amigos em Washington e Londres.

No segundo volume da minha *Crónica com Pés de Lã* podereis ler este discurso e também ainda que os participantes na cerimónia aplaudiam longamente sempre que o papel positivo de Stáline era referido. Isto é mais uma prova de que o revisionismo e o anti-stalinismo de Khruchov não eram plantas soviéticas. Para Khruchov e os seus amigos ocidentais isto significou que o XX Congresso não tinha sido suficiente para apagar qualquer pensamento positivo sobre Stáline e que era preciso um segundo congresso do mesmo género para conduzir finalmente ao objectivo pretendido. Assim foi preparado o XXII Congresso por Khruchov e os seus ajudantes na direcção, cujo número tinha aumentado sensivelmente porque, entretanto, muitos membros da direcção, que antes eram considerados stalinistas – como por exemplo Súslov, Ponomariov, Pospélov e outros – passaram-se para o lado de Khruchov; mas não seguramente porque o consideravam um leninista melhor!

Depois desta condenação maciça de Stáline no XXII Congresso, foi notória a forte pressão da União Soviética igualmente sobre os outros partidos, que até aí só tinham participado muito contidamente na campanha anti-stalinista (entre estes estava também o PSUA³), para retirarem as suas ilações dos sinais dados pelo XXII Congresso. Uma das consequências foi a retirada do monumento de Stáline que ainda existia em Berlim, na Avenida Karl Marx, antiga Avenida Stáline.

Queridos amigos e camaradas, ainda haveria muito a dizer sobre este tema, mas o tempo hoje não é suficiente. Por isso permito-me colocar aqui um ponto final e desculpem-me só vos ter apresentado este fragmento.

Conferência proferida em Viena e em Linz, respectivamente nos dias 19 e 20 de Abril de 2002, a convite de membros do PC Austríaco (KPÖ).

Texto publicado em separata pelo Tribune für die Wahrheit (Tribuna para a Verdade), 5.º ano, n.º 2/2002, Documentos publicados pelo KPÖ-GO, Josefinengasse, Viena.

³ PSUA, Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED, *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*). (N. Ed.)

Lista de nomes

Acrescentado pela edição portuguesa

Adjubei, Aleksei Ivánovitch (1924-1993), ainda estudante de jornalismo na Universidade de Moscovo, casa-se em 1949 com a filha de N.S. Khruchov. Em 1951 entra para a redacção do *Komsomólskaia Právda*, jornal onde faz rapidamente carreira, chegando a chefe de redacção. Em 1959 transita para a chefia de redacção do *Izvéstia*, o jornal oficial do governo. Acompanhou várias viagens do sogro ao estrangeiro e participou na preparação dos discursos do líder. Em 1959 escreve um livro sobre a viagem de Khruchov aos EUA intitulado *Cara a Cara com a América*, que lhe vale logo no ano seguinte o Prémio Lénine. Depois da destituição de Khruchov, em 1964, é exonerado de todos os cargos e ingressa na revista *Soviétski Soiuz*, onde chefia discretamente uma secção, assinando sob pseudónimo. Renasce publicamente no período da *perestróika* e da *glásnosti*, durante o qual escreve dezenas de artigos elogiando o «degelo» e a justeza das ideias de Khruchov.

Browder, Earl Russell (1891-1973), membro do Partido Socialista entre 1906 e 1912, opositor à participação dos EUA na I Guerra, passa dois anos na prisão (1919-1920), aderindo ao Partido Comunista em 1920, para cujo CC é eleito em 1921 e do qual se torna secretário-geral em 1930. Membro do CEIC desde 1935, é sob a sua direcção que o PC dos EUA atravessa um período de acentuado crescimento atingindo os 100 mil militantes. Em 1940 volta a ser preso e condenado a quatro anos de cadeia, mas é libertado ao fim de 14 meses. É então que surge com a teoria da «paz de classes» e da «colaboração de classes», salienta o carácter progressista do capitalismo americano e propõe a dissolução do partido e a sua transformação numa associação política. Em Maio de 1944, o 12.º Congresso aprova a sua proposta de dissolução do partido, que volta a ser reconstituído em 1945. Em 1946 é expulso.

Dulles, Allan Welsh (1893-1969), irmão de John Foster Dulles (secretário de Estado no governo de Dwight Eisenhower de 1953 a 1959). Trabalhou inicialmente nos serviços diplomáticos, depois como financeiro em *Wall Street*, onde se liga à *Standart Oil*, cujos interesses representa na Europa. Em 1942 torna-se o chefe de operações do *Office of Strategic Services* (OSS), sendo nomeado, em 1953, por Eisenhower, director da *Central Intelligence Agency* (CIA), criada em 1947.

Field, Noel Haviland (1904-1970), funcionário do Departamento de Estado dos EUA desde 1926, trabalhou nas Nações Unidas em Genebra (1936). Participa na repatriação de combatentes estrangeiros na Guerra Civil de Espanha. Em 1941 torna-se director do *Unitarian Universalist Service Committee's*, (Comités Unitários de Serviço Universalista) que presta ajuda a antifascistas e refugiados na Suíça. Ao mesmo tempo trabalha para o OSS de Allan Dulles, que tira partido dos seus contactos com vários comunistas na clandestinidade. É preso em 1949 na Hungria e libertado em 1954, permanecendo em Budapeste com a sua mulher até ao fim da vida

Kaganóvitch, Lázár Moisséievitch (1893-1991), membro do partido desde 1911, do CC desde 1922 e do *Polítburo* desde 1926, participante na Revolução de Outubro, secretário-geral do PC(b) da Ucrânia (1925-28), primeiro secretário do Comité de Moscovo (1930-1935), dirigiu a reconstrução de Moscovo e a obra do metropolitano, foi ministro das Vias de Comunicação (1935-44) e da Indústria Pesada (1937), entre outros cargos. Em 1957 é declarado membro do «grupo antipartido» e exonerado de todos os cargos, sendo definitivamente expulso do PCUS em 1961.

Malenkov, Gueórgui Maksimiliánovitch (1902-1988), membro do partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Polítburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-55 e 1955-57), e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Kaganóvitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogórsk. Em 1961 é aposentado e expulso do partido.

Mólotov, Viatcheslav Mikháilovitch (1890-1986), membro do partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Polítburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917),

secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do partido em 1961 foi reintegrado em 1984.

Ponomariov, Borís Nikoláievitch (1905-1995), membro do partido desde 1919, do CC entre 1956 e 1989, (candidato em 1952), candidato do *Politburo* (1972-86), secretário do CC (1961-86). Licencia-se na Universidade de Moscovo em 1926, ano em que se torna funcionário do partido. Em 1934 é nomeado director do Instituto de História do PCU(b) adstrito ao Comité de Moscovo. Em 1937 integra o comité executivo do *Komintern*. Entre outras funções é vice-director do Instituto Marx-Engels Lénine junto do CC (1943-44), funcionário do Conselho de Ministros e responsável pela Secção Internacional do CC (1948-1986). Membro da Academia de Ciências da URSS, é autor de várias obras sobre a história do PCUS e do movimento operário internacional.

Pospélov, Piótr Nikoláievitch (1898-1979), membro do partido desde 1916, do CC entre 1939 e 1971, candidato do *Presidium* (1957-60), doutorado em Ciências Históricas, membro da Academia de Ciências da URSS (1953). Funcionário do partido desde 1917, trabalha no aparelho do CC entre 1924 e 1926, nas redacções da revista *Bolchevik* e do jornal *Právda*, a partir de 1931, chefia o grupo para a Imprensa da Comissão de Controlo do CC (1934-37), tornando-se chefe-adjunto da Direcção de Agitação e Propaganda do CC em 1937. Entre 1940 e 1949 foi chefe de redacção do *Právda*, passando a adjunto entre 1952 e 1953. Secretário do CC (1953-1960) e a seguir membro do *bureau* do CC do PCUS para a RSFSR. Director do Instituto de Marxismo-Leninismo (1961-67), participou na elaboração de várias obras sobre história do partido, da II Guerra, na biografia de Lénine, etc. É-lhe atribuída a redacção do «relatório secreto» de Khruchov ao XX Congresso.

Súslov, Mikhail Andréievitch(1902-1982), membro do partido desde 1921, do CC desde 1941, do *Politburo/Presidium* (1952-53 e a partir de 1955). Formado em economia (1928), torna-se professor da Universidade de Moscovo (1929) e trabalha no aparelho da Inspeção Operária e Camponesa (1931-39) e na Comissão de Controlo Soviético (1934-38). Em 1937 exerce cargos de direcção política no Comité Regional do Partido de Rostov. Entre 1939-44 torna-se primeiro secretário do Partido do Comité Distrital (Krai) de Ordjonikídze (Stravopol), secretário do *Bureau* do CC para a República Socialista Soviética da Lituânia (1944-1946), trabalhando depois no aparelho do CC, de que se torna secretário em 1947. Entre 1949 e 1951 acumula as funções de chefe de redacção do *Právda*. Influente sob a direcção de Khruchov, torna-se responsável da secção de Agitação e Propaganda do CC sob Bréjnev, funções que mantém até quase ao fim da sua vida. Em 1969 opôs-se ao projecto de «reabilitação» de I.V. Stáline, que só se realiza parcialmente

Tito, Josip, verdadeiro apelido Broz (1882-1980), nascido no reino da Croácia e da Eslovénia, aderiu ao partido social-democrata em 1910. Combateu nos exércitos austro-húngaros durante a I Guerra Mundial, onde faz agitação antiguerra. É ferido em 1915 e feito prisioneiro da Rússia. Em 1917 participa na manifestação de Julho em Petrogrado contra o governo provisório. É preso e deportado para os Urais. Em Outubro entra para a guarda vermelha e participa na revolução em Omsk. Regressa à sua pátria em 1920 aderindo ao Partido Comunista da Jugoslávia (PCJ), então clandestino. Preso em 1928 é libertado em 1934, altura em que é eleito para o CC e para o *Politburo*. Trabalha na IC em Moscovo entre 1935 e 1936. Em 1937 torna-se líder do PCJ. Durante a guerra de libertação (1941-45) é comandante supremo das forças armadas e destacamentos de guerrilheiros. Eleito presidente do Comité Nacional de Libertação da Jugoslávia em 1943, ocupa em 1945 os cargos de presidente do Conselho de Ministros e ministro da Defesa, mantendo-se à cabeça das forças armadas bem como do partido. A partir de 1948 assume posições revisionistas e anti-soviéticas, que levam ao corte de relações com a URSS. Em 1974, no X Congresso, volta a ser eleito líder da Liga dos Comunistas Jugoslavos (designação adoptada em 1952 no 6.º Congresso),

mas desta vez com um mandato vitalício. No mesmo ano recebe igualmente o mandato vitalício como presidente da Jugoslávia, cargo que ocupava desde 1953.